

A Revista Escola Argentina

reflexões sobre um periódico
escolar nos anos 20 e 30

*Miriam Waidenfeld Chaves**

Este trabalho pretende mostrar, por meio de uma investigação histórico-cultural do texto, o modo como a revista pedagógica da Escola Argentina no antigo Distrito Federal, no final dos anos de 1920 e primeira metade dos anos de 1930, constrói um discurso que tem como objetivo legitimar tanto o seu projeto educacional quanto o da Diretoria de Instrução a que se vincula. Procede-se a uma análise não só dos estratagemas discursivos utilizados pela *Revista Escola Argentina* como também do objeto que a comunica – seu suporte –, dificultando, desse modo, a produção de leituras independentes do próprio impresso.

ANÍSIO TEIXEIRA; REVISTA ESCOLA ARGENTINA; ESCOLA ARGENTINA; PROJETO PEDAGÓGICO; ESTRATAGEMAS DISCURSIVOS.

The purpose of this article is to demonstrate that the magazine published by the Argentina School in Federal District in the end of the 20's and in the first half of the 30's, builds up a certain discourse which aims to validate both its educational project, as well as the one of the Instruction Department to which the school is linked. This is achieved through a historical-cultural investigation of the text and an analysis both of the stratagems of discourse utilized by *Revista Escola Argentina* and of the object being communicated, its support, thus aiming to produce a certain type of reading of the printed text.

ANÍSIO TEIXEIRA; REVISTA ESCOLA ARGENTINA; ARGENTINA SCHOOL; EDUCATIONAL PROJECT; STRATAGEMS OF DISCOURSE.

* Doutora em história da educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Principalmente a partir dos anos de 1990, o campo da pesquisa em história da educação no Brasil tem crescido bastante e pesquisadores têm desenvolvido seus trabalhos com base em temas pouco pensados até há alguns anos.

Além disso, a maior familiaridade com os autores da Escola dos Annales possibilitou a esses pesquisadores se apropriar de um instrumental teórico-metodológico que acabou por lhes impor toda uma nova perspectiva para seu fazer histórico; ou seja, legitima-se um novo *modus operandi*, que permite ao historiador da educação enxergar outros ângulos do já pesquisado, reinterpretar o já interpretado e, por que não dizer, trazer à tona novas dimensões sociais da própria realidade educacional brasileira já estudada.

Nessa perspectiva, um olhar mais apurado sobre o período das reformas educacionais de âmbito estadual no Brasil dos anos de 1920 e 1930, pressupõe que os pesquisadores fiquem atentos para as novas questões, possibilitando a fabricação de outras leituras a respeito do mesmo tema.

Conseqüentemente, este texto, fruto de minha tese de doutorado¹, ao se alinhar a tantos outros que começam a se preocupar com as práticas escolares do tempo do Império e do início da República, insere-se em um tipo de investigação que privilegia a sala de aula, as matérias escolares, os livros didáticos e as revistas escolares produzidas nessa mesma época, permitindo que, desse modo, se entendam as dimensões das reformas do ensino a partir de sua própria estrutura interna; ou seja, este trabalho se enquadra em um tipo de perspectiva que procura definir as reformas a partir da maneira como foram sendo viabilizadas pelas escolas: segundo os seus artifícios discursivos, suas limitações e possíveis inovações.

Este trabalho objetiva trazer à tona os estratagemas discursivos construídos pela *Revista Escola Argentina*² que, assim, passa a ser entendida como uma produção cujo texto procura impor uma determinada

1 *A escola anisiana dos anos 30: fragmentos de uma experiência – a trajetória pedagógica da Escola Argentina no antigo Distrito Federal (1931-1935)*. Rio de Janeiro, Departamento de Educação – PUC, 2001.

2 Publicação da *Escola Argentina*, cujo primeiro e último número são de 11/1929 – exemplar não encontrado na escola à época da pesquisa – e de 12/1935 – última

leitura do projeto pedagógico, tanto da escola que a edita quanto das próprias Diretorias de Instrução³ a que se vincula, já que se parte do princípio de que a Escola Argentina é uma escola modelo dessas mesmas instâncias administrativas. Ou, ainda, acredita-se que a *Revista Escola Argentina* deve ser vista não apenas como um meio de as autoridades da escola legitimarem suas idéias na comunidade escolar, mas, também, uma maneira de a Diretoria de Instrução, nos anos de 1920 e 1930, impor seus ideais na própria escola.

Entretanto, o que nos faz afirmar que a Escola Argentina possa ser compreendida como uma escola modelo do final dos anos de 1920 e primeira metade dos anos de 1930, para que o discurso proferido em seu jornal também seja considerado como um efeito de sentidos produzidos pelas próprias administrações a que se vincula? Por que se pode dizer que os artigos da revista exprimem os anseios tanto da Escola Argentina quanto das Diretorias de Instrução do final dos anos de 1920 e da primeira metade dos anos de 1930?

A resposta para tais questões se divide em duas partes.

A primeira delas diz respeito à trajetória da escola, posto que sua história se encontra marcada por uma série de inovações prescritas pelas reformas azevediana e anisiana.

A Escola Argentina é uma escola do Rio de Janeiro que, apesar de ter sido inaugurada na gestão de Carneiro Leão, em 1924, ganha visibi-

edição arquivada na escola. Assim, apesar da ausência do primeiro número impedir um maior conhecimento sobre a história do seu surgimento, sua existência, ao atravessar a gestão tanto de Fernando de Azevedo quanto de Anísio Teixeira, apresenta fôlego editorial suficiente para mostrar que objetivava expressar os ideais pedagógicos de ambas as administrações, que, naquele momento, procuravam estimular no interior das escolas as mais variadas atividades. É importante, ainda, salientar que em virtude da precariedade dos registros encontrados na escola, praticamente não há informações adicionais sobre a revista, a não ser aquelas contidas nos exemplares, que poderão ser conhecidas ao longo deste artigo.

3 Administrações, de Fernando de Azevedo e de Anísio Teixeira, que se inserem em um projeto pedagógico semelhante, que se aprofunda durante a reforma anisiana, que transforma a Diretoria de Instrução em Departamento de Educação, em 1º de fevereiro de 1932. Porém, como a maioria dos exemplares encontrados foi publicada sob a gestão de Anísio Teixeira, a análise privilegia esta administração.

lidade quando, em 1929, durante a administração de Fernando de Azevedo, adquire um prédio próprio em estilo neocolonial⁴ na Rua 24 de Maio, no Engenho Novo, e posteriormente, com Anísio Teixeira no Departamento de Educação, quando adota o Sistema *Platoon*⁵, torna-se experimental⁶ e transfere-se, em 1935, para um outro edifício inspirado em uma concepção arquitetônica moderna e arrojada, em Vila Isabel, mais exatamente na Avenida 28 de Setembro.

Conseqüentemente, pressupõe-se que, pelo fato de a escola se encontrar marcada pelos feitos acima mencionados, ela mesma se distingue de tantas outras, que não tiveram sua história construída com base nessas inovações que, por sua natureza, podem ser consideradas como sendo a própria materialização das idéias pedagógicas dos educadores citados⁷.

Parte-se da hipótese de que o papel da *Revista Escola Argentina* era o de justamente divulgar e legitimar as ações da escola e das Diretorias de Instrução, o que implica afirmar que o modo como estruturava seu discurso ainda instituía o tipo de leitura que os leitores deveriam ter acerca dessas mesmas ações pedagógicas.

A segunda argumentação para responder à questão colocada baseia-se no fato de que esta análise, ao definir a Escola Argentina enquanto uma territorialidade espacial e cultural que exprime o jogo dos agentes

4 Neste novo endereço, não só é editado o primeiro número do jornal, como também outras atividades são desenvolvidas, já que neste novo espaço há uma biblioteca, duas oficinas e um laboratório de ciências.

5 Sistema pedagógico-administrativo, criado nos EUA, em 1912, que objetivava um melhor aproveitamento do tempo e do espaço escolar por meio da criação de pelotões de alunos, que, sem salas de aulas fixas, circulariam entre elas a partir de um horário preestabelecido (Bourne, 1970).

6 A Escola Argentina é uma das cinco escolas experimentais que a partir do decreto n. 3.763, de 1º de fevereiro de 1932, teria que se transformar em um verdadeiro laboratório, destinado a ensaiar os novos métodos de ensino que mais tarde deveriam ser assimilados pelas demais escolas do antigo Distrito Federal.

7 Entretanto, considerar a Escola Argentina uma escola modelo não exclui a possibilidade de que haja outras escolas modelos, já que algumas também se tornaram *Platoon*, experimental, e obtiveram uma sede moderna, tanto na administração de Anísio Teixeira quanto na de Fernando de Azevedo.

sociais – alunos, pais, professores, diretores, diretor de instrução etc. – que a compõem (Nóvoa, 1995, p. 16), toma a *Revista Escola Argentina* como um veículo que expressa a vontade e os desejos desses mesmos agentes, já que são eles seus produtores, consumidores e incentivadores. Ou ainda, por se partir do princípio de que a escola é um espaço intermediário – além de se estruturar como um pequeno mundo que possui seus valores, modos de regulação e imaginário, também reproduz, em certa medida, os sonhos de seus idealizadores (Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira) –, entende-se que o seu periódico igualmente exprime essa variedade das forças – internas e externas – que a constitui.

Portanto, este trabalho pretende elaborar um entendimento acerca do modo como o discurso produzido pela *Revista Escola Argentina* consegue plasmar em seus leitores uma certa leitura autorizada sobre o projeto da escola e da própria Diretoria de Instrução durante o final da administração de Fernando de Azevedo e ao longo de toda a gestão de Anísio Teixeira. Procurará mostrar que a revista da Escola Argentina pode ser definida como uma publicação que sintetiza a maneira como as reformas estaduais de Fernando de Azevedo e, principalmente, de Anísio Teixeira vão, na prática, concretizando-se; o que faz com que se possa inferir que o que era nela editado seja visto como uma expressão do modo como a pedagogia moderna era implementada, veiculada e aceita por aqueles que se encontravam no interior da própria escola – alunos, professores e diretores.

Reforçando a afirmação anterior, é importante salientar que esse tipo de imprensa – pedagógica – se expande nos anos de 1920 e 1930 no Brasil, com o intuito de divulgar as idéias escolanovistas que, por desejarem promover uma mudança de mentalidade no mundo educacional, transformam a escola em um instrumento eficaz de *organização nacional através da organização da cultura* (Carvalho, 1995, p. 61).

Esclarecidos tais pontos, resta agora iniciar a análise do periódico.

Algumas considerações acerca do significado de uma análise histórico-cultural do texto

Primeiramente, há que se considerar que uma análise histórico-cultural do texto exige que a revista seja vista como um *corpus* documental de vastas dimensões, que precisam ser investigadas para que seus sentidos sejam revelados (Chartier, 1992, p. 211); o que implica não perder de vista a idéia de que os textos da revista não existem fora do objeto que os comunica, e isto, sem sombra de dúvida, faz parte da significação.

Dessa maneira, as características da impressão do periódico, as estratégias da escrita contidas em suas páginas e a própria intenção de seus produtores definem não apenas as formas de sua escrita e impressão, mas, fundamentalmente, os modos de leitura que seus leitores deveriam seguir (*idem*, *ibidem*).

Nesse caso, se é na relação entre o próprio texto, o objeto que comunica esse mesmo texto e o ato que o apreende que se encontra a complexidade da leitura de todo e qualquer impresso (*idem*, p. 220), este trabalho precisará levar em consideração as particularidades editoriais e de escrita da revista, uma vez que será somente de acordo com este procedimento que se poderá explicitar o tipo de leitura que seus produtores pretendiam criar: o de aceitação do projeto pedagógico tanto da escola quanto da Diretoria de Instrução.

Portanto, cabe a partir de agora particularizar esses processos controladores do texto, não esquecendo, evidentemente, que esses mecanismos de convencimento procuram quase sempre abafar diferenças e tensões, ou melhor, leituras independentes.

O que escrever e imprimir quer dizer: a análise propriamente dita do periódico

Se Chartier (1992), em seu artigo *Textos, impressão, leitura*, afirma que, do ponto de vista da história cultural, o entendimento de qualquer texto deve levar em consideração o próprio texto, o objeto que o comunica e o ato que o apreende, não se pode deixar de chamar a atenção

para dois pontos importantes. Primeiro, que este trabalho, não esquecendo que os três pólos da compreensão do significado de um texto não devem ser vistos isoladamente, abordará os dois primeiros, em função da dificuldade de achar, nos dias de hoje, algum leitor – aluno, professor e diretor – que pudesse relatar suas impressões acerca de sua experiência educacional na Escola Argentina. Segundo, se o texto historicamente se encontra em constante movimento, que gera diferentes interpretações através do tempo, esta análise sobre a *Revista Escola Argentina*, escrita na década de 1930, estará recortada por uma leitura atual, a respeito não só da história da educação daquela época como também das próprias idéias pedagógicas veiculadas naquele período, e isto necessariamente fará parte da significação.

Antes de qualquer análise, é necessário saber que a *Revista Escola Argentina* é um tipo de impresso produzido pela Escola Argentina para um público que não se restringia aos alunos, pais de alunos e professores, mas abrangia leitores de outras escolas do antigo Distrito Federal assim como de escolas na Argentina, uma vez que seu objetivo não era apenas fixar determinados padrões pedagógicos, culturais e sociais nos alunos de sua comunidade, mas também divulgar seu trabalho pedagógico e até criar laços de solidariedade e fraternidade com a nação vizinha.

Nessa perspectiva, a *Revista Escola Argentina* pode ser vista como um tipo de imprensa pedagógica, cujo objetivo editorial ultrapassa em muito os muros da escola. Também precisa ser entendida como um guia didático, que sugere e indica caminhos que poderiam ser seguidos pelos professores; como um livro didático para os alunos, que vêem transcrito nos seus exemplares o conteúdo pedagógico dado em sala de aula, e, finalmente, como uma produção educacional que pretendia propagandear o próprio projeto de educação, tanto de Fernando de Azevedo quanto de Anísio Teixeira para as escolas da capital do país. Exemplo dessa postura pode ser confirmado pelo número de setembro/outubro de 1932 que noticia que o educador baiano havia inscrito o nome do jornal na Biblioteca Central da Educação, reconhecendo que esta revista expressava não apenas os ideais da escola, mas do próprio Departamento de Educação do Rio de Janeiro.

Um ponto significativo que não deve ser esquecido é o fato de o nome da escola encontrar-se no título do periódico, já que tantas outras revistas escolares da época necessariamente não ligavam seu nome ao nome da escola. Talvez essa atitude se deva a um desejo de seus produtores iniciais, na época sob a administração de Fernando de Azevedo, de ratificar a homenagem à nação argentina ou, ainda, procurar reforçar o nome da escola na memória da cidade, uma vez que houve uma série de mal-entendidos a esse respeito⁸.

Freqüência e periodicidade

Tanto a freqüência quanto a periodicidade indicam que sua publicação variava em função de certos acontecimentos, muitas vezes alheios às próprias determinações editoriais. Entretanto, o jornal teve uma existência de seis anos, de novembro de 1929, período ainda da administração de Fernando de Azevedo, até, pelo menos, o fim da gestão de Anísio Teixeira, dezembro de 1935, data do último número encontrado na escola.

No que diz respeito à freqüência, percebe-se que se entre o primeiro e o segundo exemplar, de julho de 1930, há um intervalo de cinco meses⁹, entre dezembro de 1934 e julho de 1935 há um outro de quatro meses. Se a primeira interrupção deveu-se a “motivos imperiosos”, a segunda não é justificada oficialmente em nenhum artigo, apesar de poder ter sido em função de a escola, no primeiro semestre de 1935, ter se voltado para sua mudança de endereço.

Em relação à periodicidade, a revista variou de mensal, de novembro de 1929 a outubro de 1930, a bimestral, de novembro desse mesmo ano a novembro de 1933; no ano de 1934, tem início uma publicação de quatro em quatro meses e em 1935, inicia-se uma edição irregular de apenas dois números, provavelmente como um anúncio de seu fim: julho/agosto e setembro/dezembro.

8 Quando a escola se transfere para a Rua 24 de Maio, seu nome deveria ser mudado para Escola Delfim Moreira, mas Fernando de Azevedo ratifica o nome Argentina no novo endereço.

9 Durante os meses de janeiro e fevereiro não há publicação do jornal.

Nesse caso, cumpre notar que justamente em 1935, ano conturbado para o próprio Departamento de Educação, devido às pressões externas que Anísio Teixeira começa a sofrer, a revista saiu apenas duas vezes, não havendo também nenhuma indicação de que tivesse continuado a existir em 1936. Assim, cabe perguntar: será que o periódico e o projeto pedagógico que estava em curso na escola se extinguem com a saída do educador baiano do Departamento de Educação do antigo Distrito Federal?

Se essa resposta exige outra pesquisa, pelo menos indica que tem sentido a análise de seu periódico, que, como se verá a seguir, aponta para uma determinada versão dessa mesma história, que, nesse caso, poderia ser integralmente contada através de um total de 27 números editados: um de 1929, cinco de cada ano de 1930, 31, 32 e 33, quatro do ano de 1934 e dois do de 1935¹⁰.

O suporte da revista: as estratégias editoriais

No que diz respeito ao formato da revista, percebe-se que em todas as edições permanece sempre o mesmo. Medindo 21,5cm x 14,5cm, torna-se bastante fácil de ser carregada, manuseada e lida, já que, além do tamanho ser conveniente, trata-se de uma brochura impressa. Enfim, nota-se que a *Revista Escola Argentina*, apesar de ser um periódico escolar, era editada com bastante cuidado e, por que não dizer, sofisticação.

Quanto ao número de páginas, pode variar de 13, quando a revista era mensal e tem início sua bimestralidade, até 21, 35 ou 47 páginas, quando passa a ser editada de quatro em quatro meses, demonstrando que há elementos suficientes para serem analisados.

Em relação ao tamanho dos textos, eles mudam bastante. Publicam-se desde pequenas poesias escritas por alunos até longos artigos pedagógicos – três páginas, por exemplo – direcionados tanto aos pais dos alunos quanto aos professores.

No que diz respeito a esse aspecto, cabe uma ressalva – a diversidade de seções e temas existentes em cada número – e duas considerações.

10 Este trabalho analisa os seguintes exemplares encontrados na escola: dois de 1930; cinco de 1932 e 1933; um de 1934 e dois de 1935.

Primeiro, que essa variedade indica que o jornal era de fato publicado para toda a comunidade escolar “argentina” e para quem estivesse interessado em conhecer as atividades da própria escola, uma vez que os assuntos tratados nas seções iam da notícia mais simples – os aniversários do mês da escola, prestação de contas sobre a situação financeira da caixa escolar, troca de correspondência entre os alunos da Escola Argentina e das outras escolas da cidade e da Argentina, receitas culinárias, piadas etc. – até concursos pedagógicos direcionados aos alunos; redações; poesias escritas pelos alunos; exposição dos conteúdos e das atividades educacionais da escola; descrição das festas promovidas pela escola; divulgação de campanhas contra a “vadição”, o alcoolismo, a tuberculose e o fumo; textos assinados pela diretora quando desejava anunciar alguma coisa importante; verdadeiros conselhos aos pais a respeito de como se deveria educar os filhos e, ainda, artigos de vários tipos procurando difundir as premissas da pedagogia moderna.

Alguns exemplos a seguir ilustram as afirmações citadas:

1- Concursos pedagógicos (edição de mar./abr. de 1933):

a) Para o primeiro ano: compor com as letras abaixo o nome das salas de nossa escola: CRAOSL GMESO.

b) Para o segundo ano: interpretar a capa da revista.

c) Para o terceiro ano: com G sou animal; com R sou roedor; com P sou ave doméstica; com M não deixo vivo. (duas sílabas)

d) Para o quarto ano: é órgão do nosso corpo, sem a primeira letra está nas igrejas? (três sílabas); Qual fruta, trocando-se uma letra, é preposição? (duas sílabas); Ele é jóia, ela é tempo de verbo. (duas sílabas)

2- Redação (edição de jul./ago. de 1932):

Riquezas do Brasil: a cana.

Depois do café, a cana-de-açúcar é uma das maiores riquezas da nossa pátria. A cana não é brasileira. Foi das Índias para a ilha Madeira e, daí, veio para o Brasil.

Foi Martim Afonso de Souza quem a trouxe, tanto assim que as capitânicas que mais prosperavam foram Itamaracá e S. Vicente em virtude da produção da cana-de-açúcar [...] (5ª série)

3- Exposição de conteúdo (edição de maio/jun. de 1933):

Na sala de ciências: respiração.

Os órgãos da respiração são: fossas nasais e boca, traquéia, que é um canal em cuja parte superior se acha a laringe, órgão da voz, os brônquios (dois) e dois pulmões.

A respiração se faz em dois tempos [...] (4ª série)

4- Campanha contra a “vadiação” (set./out. de 1932):

Para tratar de assuntos concernentes ao ensino, à disciplina, aos interesses, enfim, de caráter educativo, reúnem-se mensalmente as professoras da Escola Argentina, sob a presidência de D. Joaquina Daltro. Na última reunião, discutiu-se um meio de acabar com a vadiação de certos alunos. Isso deu lugar à idéia de se fazer uma campanha contra a vadiação. Publicamos, a seguir as instruções a que nos referimos [...]:

a) Os alunos vadios e indisciplinados serão submetidos a uma severa observação das professoras, a fim de que nesses 15 dias se apliquem ao estudo e à obediência na escola, pois na segunda quinzena de outubro serão feitas as listas dos candidatos à promoção e não poderá haver na escola alunos desinteressados, que perturbem as professoras na última fase do ano escolar [...]

5- Palestra para os pais proferida em uma reunião do Círculo de Pais e Professores (set./out. de 1932):

A família e a educação

[...] A obra da família será incompleta se a criança não está educada. Compete aos pais a missão de completar a formação da criança, o que exige dos progenitores muito mais qualidades e virtudes do que possam imaginar. Os pais são os primeiros educadores.

[...] A primeira qualidade do educador é a calma, o dominar-se a si mesmo. Há necessidade de confirmar com o próprio exemplo o que os lábios dizem.

Cuidado com a diferença entre o falar e o agir dos pais para com os filhos [...]

Educar uma criança é principalmente viver diante dela uma vida que a estimule a viver melhor; para educar uma criança é preciso, se não for santo, ao menos trabalhar para sê-los.

Segundo, diante da multiplicidade de temas, algumas seções podem ser consideradas definidoras do perfil pedagógico da revista. Entre elas, destacam-se “Colaboração de Pais e Mestres”, sempre com longos artigos educacionais dirigidos aos professores, pais de alunos e até aos alunos, quando as mudanças pedagógicas ocorridas na escola eram comunicadas; uma coluna que, por meio de redações e poesias, enaltecia as riquezas naturais e os vultos históricos nacionais e argentinos; um espaço de meia página ou mais reservado para anúncios do comércio carioca – Casa de Saúde da Gávea; Estamparia Colombo e Casa Mattos –, dando indícios de que a revista almejava integrar-se à sua cidade e, por último, uma espécie de editorial, bastante curto, com uma média de dez ou vinte linhas, que, sempre na contracapa, anunciava sua publicação; diferentemente dos outros artigos, quase nenhum deles era assinado.

A seguir, alguns exemplos:

1- O Círculo de Pais na Escola Nova (mar./abr. de 1933):

No século que atravessamos, a visível preocupação, universalmente difundida, é a criança, com o cortejo de direitos a que faz juz; resumindo, estes privilégios são: uma educação esmerada, sob todos os aspectos, e a utilização das faculdades para que elas se tornem um elemento de progresso, e, talvez, de glória para seu país [...]

Aproximando o lar da escola, o Círculo de Pais presta um considerável auxílio à educação: leva o professor a conhecer os entes que transmitiram ao aluno a herança fisiológica e mental, e a conhecer o ambiente onde a criança vive domesticamente; torna-se assim mais fácil a avaliação de sua mentalidade e a escolha dos processos mais aconselháveis em cada caso.

2- Poesia exaltando as riquezas nacionais (set./out. de 1933):

Eu amo meu país

Ele é tão belo!

São seus campos sempre verdes e floridos,

E seu céu sempre azul, sempre singelo.

As montanhas de meu país são verdejantes,
A bandeira de minha pátria – altaneira.
Suas cores são: verde, amarelo, azul e branco.
Minha bandeira é a bandeira brasileira!

Tudo é lindo no meu Brasil!
Nenhum o imita.
Quando eu digo a alguém que eu sou brasileira
De orgulho, o meu coração palpita.
(Adiléia Neves – 5ª série)

Do ponto de vista da diagramação, a revista obedece a um estilo visual – algum desenho, marca ou título com letra desenhada e em negrito – que destaca o início e o fim de cada seção. Além desse artifício, o periódico também se utiliza de algumas fotos, principalmente de personalidades históricas ou da escola – vale ressaltar a edição de julho e agosto de 1935 sobre a inauguração do novo prédio, que vem recheada de retratos sobre a festa – e vários desenhos de alunos e do próprio jornal, propondo adivinhações e exercícios.

Um último aspecto editorial a ser analisado é a capa e a contracapa que, em virtude da sua importância, encontra-se logo a seguir, em um item específico.

Os significados implícitos da capa e da contracapa: o recurso visual e o apelo a certos lemas

A capa de cada número tem sempre uma fotografia ou desenho, cujo tema se refere a algum aspecto da nossa realidade, tanto social quanto cultural – Descoberta da América, Festa de São João, paisagem amazônica, brasões e bandeiras, fotografia de San Martin, a foto da própria escola ou dos alunos etc. –; e por algum lema que congrega e une os alunos à comunidade – Tudo nos une, nada nos separa, de Saens Peña; O trabalho eleva e nobilita o homem; Trabalhai, crianças e enobreceis o Brasil ou Sois a esperança da Pátria, crianças. Estudai!

A contracapa, além de imprimir algumas das frases anteriores, aparece dividida em duas partes, separadas por linhas que perfazem um quadrado e um retângulo. Enquanto a primeira forma se encontra na parte central da folha, para que aí seja escrito o editorial, a outra fica na parte superior da página, para que dentro dela possa aparecer em destaque o nome da escola, o preço da assinatura, o mês da publicação, o endereço e a expressão “Órgão dos alunos da Escola Argentina”, que a partir do exemplar de mar./abr. de 1933 é substituído por “Revista Pedagógica, Didática, Educativa e Recreativa”; isto sugere uma mudança de *status* da revista, já que essa alteração parece dar mais legitimidade ao periódico¹¹.

Há que se notar que todo esse detalhamento da capa e da contracapa apenas mostra que a *Revista Escola Argentina* era muito bem preparada, e que os seus editores, com uma preocupação explícita bastante grande, procuravam, por meio de estratégias visuais e de escrita, incutir certos sentimentos pátrios em seus leitores, além de estimular nas crianças o desenvolvimento de determinados comportamentos que objetivavam a formação de um determinado tipo de aluno que futuramente também tivesse uma determinada postura perante a sociedade, sua cidade e seu país.

Enfim, pressupõe-se que, por meio desses estratagemas, a revista desejava fixar em seus leitores uma imagem do Brasil, enquanto uma nação que deveria ter orgulho de seus heróis, suas festas, sua natureza e sua gente. Além disso, percebe-se que esse objetivo também era estimulado por meio da publicação de vários artigos que procuravam desenvolver alguns sentimentos, tais como o da esperança e o da fraternidade e do trabalho, enquanto uma atividade humana que enobrece o homem, que é o próprio responsável pela construção da nação brasileira.

Assim, os desenhos e as frases da capa e da contracapa conjuntamente se fundem em torno de um mesmo projeto, que objetivava a elaboração de uma certa leitura sobre o Brasil e os brasileiros que, naquele momento, precisavam ser modificados em função das novas exigências sociais; ou, ainda, a utilização desses artifícios mostra que a revista, como qual-

11 Aspecto este que será trabalhado no próximo item.

quer impresso pedagógico da época, estava preocupada em contribuir para a organização da nação por meio da cultura – idéias, valores e comportamentos – veiculada em seu espaço escolar (Carvalho, 1995, p. 61).

A eficácia simbólica do discurso da revista: a produção de uma leitura autorizada

Falar sobre a revista da Escola Argentina do ponto de vista das estratégias de sua escrita é ter em mente que a eficácia simbólica de seu discurso não se encontra apenas nas palavras escritas em suas páginas, mas na autoridade de quem as edita, já que o poder das palavras nada mais é do que um poder delegado por aqueles que a produzem (Bourdieu, 1996). Supõe ainda entender que se a *Revista Escola Argentina* se reveste de certa autoridade é porque as próprias autoridades da escola a reconheceram como um veículo legítimo de divulgação de suas idéias.

Portanto, o sentido da eficácia simbólica de suas palavras deve ser buscada “na relação entre as propriedades do discurso, as propriedades daquele que o pronuncia [neste caso, daquele que o escreve] e as propriedades da instituição que o autoriza a pronunciá-lo [escrevê-lo]” (Bordieu, 1996, p. 89). Pode-se dizer, então, que o sucesso de suas “operações de magia social que são os *atos de autoridade* (ou então, o que dá no mesmo, os *atos autorizados*), está subordinado à confluência de um conjunto sistemático de condições interdependentes que compõem os rituais sociais” (idem, *ibidem*).

Conseqüentemente, a revista da Escola Argentina, ao se enquadrar em um tipo de imprensa especializada, escrita por alunos, professores, diretores e pais de alunos, apesar de estender seu alvo para além dos muros da escola, tem como principal propósito atingir sua própria comunidade escolar, que, como qualquer instituição, é composta por grupos diferenciados, com quantidades de força simbólica também diferenciadas, o que faz com que a maior ou menor legitimidade dos artigos dependa de quem os escreve e assina – aluno, professor, diretor ou pai de aluno. Desse modo, a “magia social” das palavras impressas na revista já se estabelece elegendo entre os grupos menos autorizados –

alunos e pais de alunos – aqueles que têm as condições – pedagógicas, culturais e sociais – de participar da feitura dessa “magia” discursiva, o que garante, também, o seu reconhecimento social perante esses próprios grupos que, na maior parte das vezes, são apenas chamados para cumprir ordens e não para participar da produção de qualquer tipo de atividade proposta pela escola.

Desse ponto de vista, essa leitura bourdieudiana do discurso permite que a *Revista Escola Argentina* seja definida como um impresso que, por seu dever, função, e “em suma, sua competência (no sentido jurídico do termo)” (idem, p. 101), fala em nome da própria Escola Argentina. Portanto, deve ser entendida como um meio de comunicação consagrado e legitimado por toda a comunidade escolar, já que sua feitura é marcada por toda uma série de ritos de instituição (idem, p. 97); ou melhor, de acordo com determinadas estratégias que objetivavam atingir seu alvo: expressar, anunciar e divulgar seus feitos pedagógicos com uma intenção didática bastante grande, uma vez que seus artigos ensinam, recomendam, aconselham e, finalmente, indicam caminhos a seguir.

De outro lado, apesar de a revista utilizar-se de uma série de estratégias de legitimação, uma interpretação cuidadosa não pode deixar de perceber as resistências, o jogo de forças e as lutas que deveriam ter sido travadas dentro desse pequeno mundo escolar “argentino” e que a revista, de um jeito ou de outro, vai procurar abafar. Ou seja, como a *Revista Escola Argentina* se define de acordo com as bases do discurso jornalístico (Mariani, 1993) que, por princípio, seleciona o que deve ser publicado e retido na memória de seus leitores e o que não deve ser editado por não ser “importante” o suficiente para ser lembrado no futuro, urge igualmente captar suas estratégias de apagamento e silenciamento, a fim de que só assim se consiga obter um quadro mais claro sobre a maneira como os projetos, tanto azevediano quanto anisiano, eram recebidos e implementados pela Escola Argentina.

Desse modo, a revista deve ser entendida (Mariani, 1993, p. 33) como um instrumento que

capta, transforma e divulga acontecimentos, opiniões e idéias da atualidade – ou seja, lê o presente – ao mesmo tempo em que *organiza* um futuro – as pos-

síveis conseqüências desses fatos do presente – e, enquanto passado – memória – a leitura desses mesmos fatos do presente, no futuro.

Assim, a *Revista Escola Argentina*, sob o duplo mecanismo desse tipo de discurso, que ao mesmo tempo libera várias vozes, faz com que apenas algumas se legitimem com força e autoridade, ao divulgar várias opiniões, simultaneamente, apaga, enfraquece ou ainda anula a fala independente de certas vozes, demonstrando que a luta pela legitimação dos significados nas páginas desse impresso jornalístico deve ter sido árdua, cheia de artifícios e, provavelmente, com a presença da censura – aspecto constitutivo desse tipo de imprensa.

Nesse caso, há que se estar ciente de que a revista, provavelmente, tenha se utilizado da censura, não apenas por meio de atos conscientes, mas também por meio de artifícios inconscientes, já que os processos de internalização dos comportamentos incentivados pela escola podem ter sido tão competentemente assimilados pela comunidade escolar e, principalmente, pelos responsáveis pela revista, que o maior desafio deste texto seja justamente desenvolver um verdadeiro trabalho de detetive para que estes artifícios, que de alguma maneira encontram-se incrustados em algum lugar do periódico, venham à tona.

A mudança de status da revista: afinal, quem são seus produtores?

Do ponto de vista das intenções dos produtores da revista, uma consideração acerca da mudança inscrita no alto da contracapa de “Órgão dos alunos da Escola Argentina” para “Revista Pedagógica, Didática, Educativa e Recreativa”, em março de 1933, com certeza, é um bom atalho para se chegar a esses possíveis mecanismos de silenciamento. Cabe perguntar: Qual o significado dessa mudança? Há por trás dessa nova enunciação algum sentido implícito? Esse ato representa alguma ação de censura?

Acredita-se que de fato exista algum não dito implícito nessa mudança de atribuição que necessariamente remete para o questionamento de quais eram os setores da escola responsáveis pelo/pela jornal/revista;

ou melhor, que grupos escolares ele/ela representava? Ou, ainda, o jornal/revista fala em nome de quem? Era produzido e editado por quem?

Como resposta, ver-se-á que os produtores do jornal/revista podem ser encontrados em dois níveis. Os primeiros, de forma explícita, são os alunos¹² e os demais, de maneira implícita, são os professores e a diretora da escola.

Esse duplo mecanismo imediatamente salta aos olhos quando se salienta que existem duas estratégias diferentes contidas nas próprias palavras utilizadas para caracterizar o jornal/revista que ainda definem responsáveis e objetivos também diferentes. Uma é que, enquanto *órgão dos alunos*, parece que o que se desejava enfatizar era o fato de o jornal *pertencer aos alunos* da Escola Argentina como se, apesar de também ser feito por professores – as edições apontam para esse fato –, apenas eles fossem os responsáveis. Além disso, essa atitude ainda sugere que a escola igualmente almejava ressaltar que era uma instituição que estimulava a participação dos alunos nas diversas atividades, sendo eles mesmos os seus responsáveis. Daí o jornal ser reconhecido como sendo uma “obra infantil”.

Já a outra estratégia – *revista pedagógica, didática, educativa e recreativa* – reforça a idéia de que o periódico seria mais do que um simples jornal de alunos; deveria ser uma revista pedagógica *da escola*, cujos responsáveis seriam implicitamente os dirigentes da escola. Assim, deixaria de falar apenas em nome *dos alunos* para passar a representar oficialmente a própria *escola* como um todo.

O sentido dessa mudança pode ainda ser notado pelas palavras escolhidas para o segundo nome do periódico – *pedagógica, didática, educativa e recreativa* –, o que implica ao mesmo tempo *enfatizar e especificar* os objetivos da revista. Desse modo, esses quatro termos, além de poderem ser vistos como sinônimos, pelos produtores/leitores da revista, também possuem seus significados específicos; ou seja, se enquanto *ênfase* o uso repetitivo dos sinônimos da palavra *educar* no

12 De tempos em tempos, a equipe jornalística é mudada por meio de eleição e os seus nomes, discriminando o diretor, vice-diretor, redator-chefe etc., são anunciados pelo jornal/revista.

título tem o intuito de ressaltar que a revista é um impresso exclusivamente *pedagógico*, do ponto de vista da utilização *específica* dos quatro termos, seus usos podem ser analisados como uma forma de discriminar minuciosamente não só o que vai poder ser encontrado na revista, mas também para quem se dirige, já que naquela época *pedagógica* referia-se à teoria da educação e do ensino, *didática* ao estudo das técnicas do ensino, *educativa* a processos de desenvolvimento da capacidade infantil e *recreativa* a algo que diverte. Conseqüentemente, com esse novo título, a revista demonstra que irá divertir e ensinar as crianças, introduzir os professores nos novos métodos de aprendizagem e mostrar aos pais as modernas teorias educacionais.

Enfim, esse novo título, simultaneamente repetitivo e discriminatório, chama a atenção para o fato de que os editores da *Revista Escola Argentina* queriam frisar que se tratava de um impresso educativo no seu sentido mais geral, mas com objetivos bastante claros, já que essa mudança, estrategicamente, ocorre logo após a escola se tornar experimental; ou seja, o periódico passa a ter a função de divulgar o que se experimentaria de novo na escola.

Além dessas ressalvas, outras mudanças ocorrem após a alteração do título.

É a partir dessa alteração que a seção “Nossas lições” surge na revista, com o resumo dos conteúdos da matéria dada em sala de aula, tornando-se o impresso um verdadeiro livro didático com o objetivo de dispensar “a compra dispendiosa de compêndios, adquirindo, por pequeno preço, a interessante Revista” (editorial de mar./abr. de 1933).

Por esse aspecto, também, desfaz-se a idéia de que a reforma anisiana não se preocupava com a questão do conteúdo, mas apenas com a renovação dos métodos.

Com o novo nome, a revista passa a publicar uma quantidade bem maior de desenhos de alunos, parecendo que quer provar que continuava sendo dos alunos. É justamente a partir dessa modificação, mais especificamente em 1934, que os artigos escritos e assinados pelos alunos passam a discriminar não apenas sua série e turno, mas também sua idade, querendo com isso identificar ainda mais o aluno e, por que não dizer, mostrar como, desde cedo, também são capazes de produzir poe-

sias, redações e responder exercícios, o que, em última instância, implicaria expor o próprio sucesso pedagógico da escola.

Por último, cabe chamar atenção para o fato de que nesse novo momento a revista continua mostrando que os alunos permanecem responsáveis pelo periódico. Justamente na última página do número em que o jornal dá lugar à revista encontra-se um comunicado dizendo que para que a “Revista se torne mais original, mais interessante, *resolvemos* que, nos números a seguir, a capa seja ilustrada pelos alunos da Escola Argentina” (destaque meu). Ou seja, esse texto, além de clamar pela responsabilidade e continuidade da participação do aluno, mostra que, quando o periódico se definia como um “órgão dos alunos”, não eram eles que faziam sua capa, indicando que esse órgão, de fato, não tinha total autonomia, e por isso possuía uma instância superior implícita que o controlava e definia as formas de sua edição.

Quanto à utilização do sujeito indeterminado no verbo sublinhado, percebe-se aquilo que já foi dito sobre os editoriais, ou melhor, a existência de uma falta de vontade em explicitar de quem era a responsabilidade última do jornal/revista.

De outro lado, se o segundo nome reforça e legitima o impresso, assim como o projeto da escola, o fato de em um primeiro momento ser um “órgão de alunos” e depois “revista pedagógica” não quer dizer muita coisa no que diz respeito ao tom de seus artigos, uma vez que enquanto jornal dos alunos também procurou legitimar as premissas da escola. O mesmo se pode dizer dos artigos escritos e assinados pelos alunos nos dois momentos do periódico. Igualmente, cumpriam um papel legitimador das propostas pedagógicas da escola; os mais importantes estavam a cargo dos alunos responsáveis pelo jornal/revista e os demais eram selecionados pelas professoras e pela comissão editorial do jornal/revista que, com certeza, comungava nos ideais da escola.

O que se quer ressaltar é que os alunos, considerados como um grupo com menor quantidade de força simbólica, encontravam-se mais facilmente sujeitos às estratégias de dominação da escola, uma vez que os que não se adequavam deveriam sofrer algumas punições, e aqueles que escreviam para o jornal provavelmente seriam os que mais facilmente haviam internalizado as normas da escola – os eleitos para os cargos de

direção do jornal/revista e os que tinham seus artigos escolhidos para serem publicados.

Entretanto, apenas uma vez, talvez porque as reclamações dos alunos tenham sido enormes, os produtores da revista permitiram que fosse exposto em suas páginas um prenúncio de descontentamento, mas, como se verá logo a seguir, bastante tímido e cheio de resignação.

Esse fato ocorre especificamente através da publicação de várias cartas e artigos em que os alunos protestavam contra a mudança de endereço da escola – da Rua 24 de Maio para a Avenida 28 de Setembro¹³ –, já que essa transferência, entre outras coisas, queria dizer que esses alunos da antiga Escola Argentina, que durante algum tempo já vinham participando do projeto pedagógico da escola – sistema *Platoon* e escola experimental –, por não irem para a nova Escola Argentina, um prédio moderno, espaçoso e bem equipado, ficariam impedidos de continuar a estudar em uma escola tão especial para o Departamento de Educação; ou seja, continuariam a estudar no mesmo endereço – Rua 24 de Maio – mas, em uma escola de nome Sarmiento, com nova equipe de professores e direção.

As cartas de “protesto” são publicadas na edição de set./dez. de 1934, período em que a escola se encontrava prestes a mudar de endereço:

Tivemos uma verdadeira surpresa, ao saber que nossa escola tinha mudado o nome para Sarmiento. Fiquei na verdade um pouco triste, a princípio, pois já estava acostumada com o antigo nome. Mas, refletindo um pouco, vi que não tinha razão para tanto, pois Sarmiento foi um vulto de valor na grande nação Argentina [Leonora P., 15 anos].

Estive muitos dias doente e hoje quando cheguei à escola – Escola Argentina – recebi a notícia que esta tinha mudado de nome. Chama-se Escola Sarmiento... Gosto da Argentina. Gosto dos argentinos. Gosto dos dois nomes: Escola Argentina e Escola Sarmiento [Djalma Cerqueira, 10 anos].

Fiquei muito entristecida quando entrei na sala de música e soube que as nossas queridas diretoras e professoras irão para a nova Escola Argentina.

13 Quando o prédio na Avenida 28 de Setembro ficou pronto em 1935, a Escola Argentina na Rua 24 de Maio passou a se chamar Escola Sarmiento.

Eu, que já me acostumei com estas professoras, estranhei muito...

Mas que fazer? Devo terminar o curso nesta escola por ser perto de casa. Mas estou vendo que não é possível. A avenida 28 de Setembro é longe, mas é para lá que eu quero ir... [Déa Figueiredo, 11 anos].

Desse modo, essa “reclamação” levanta duas questões. A primeira aponta para o fato de que esse “desacordo” é publicado porque, em última instância, representa um aval de aceitação pelos alunos do projeto da escola, indicando que uma possível oposição por parte deles deveria ser quase nula, já que esse setor entendia como uma honra poder estudar em uma escola tão bem considerada pelos meios educacionais da cidade. A segunda diz respeito ao modo como os responsáveis pela escola – em todas as instâncias – trataram o ensino dessa mesma escola; ou seja, as decisões pedagógico-administrativas estiveram acima da aprendizagem dos alunos, uma vez que sua não transferência para o novo prédio demonstra que houve certo descaso em relação ao processo de ensino, que, com certeza, deve ter sido afetado negativamente por essa mudança.

Quanto aos artigos escritos pelos professores, também expressam essa mesma consonância com relação ao que se passava na escola. Ou verdadeiramente concordavam com as suas propostas educacionais ou não ousavam dela discordar, pelo menos internamente ou explicitamente, já que algumas entrevistas de professores à “Coluna Página de Educação”, do *Diário de Notícias*, contêm várias críticas às inovações pedagógicas propostas pelo Departamento de Educação do antigo Distrito Federal, durante a gestão de Anísio Teixeira.

Mais fácil ainda é notar a ausência de crítica nos artigos dos pais de alunos, que, além de serem pouco frequentes, vinham, apesar de assinados, em nome do Círculo de Pais e Mestres da escola, que, sem sombra de dúvida, deveria ser um órgão que falava em nome da direção da escola.

Desse modo, cabe a questão: Os pais dos alunos da Escola Argentina frequentavam a associação em grande número para que então se pudessem afirmar que faziam parte de um contingente de peso nas decisões da escola?

Não se sabe. A revista, em nenhum momento, reclama do esvaziamento dessas reuniões, apesar de a “Coluna Página de Educação”, novamente, publicar alguns artigos em que professores de outras escolas afirmam que era uma tarefa bastante árdua manter esses encontros com um número considerável de pais em seus estabelecimentos de ensino.

Talvez esse silenciamento seja porque a escola não desejasse tornar pública uma falha em uma de suas instituições escolares – a baixa frequência dos pais nas reuniões de sua Associação de Pais e Mestres –, o que implicaria mostrar que nem tudo aquilo que a escola propunha pedagogicamente era passível de sucesso.

As estratégias lingüísticas: a formação de um determinado tipo de aluno

Se no item anterior conseguiu-se explicitar as intenções dos produtores da revista e, principalmente, mostrar quem são esses mesmos produtores, resta ainda se deter no sentido lingüístico de certas estratégias da escrita, já que só assim se poderá ter uma visão global do significado editorial da revista.

Nessa perspectiva, é necessário que se tome como referência o conceito de “formação discursiva” da análise do discurso. Por meio dele se torna possível compreender o próprio sentido lingüístico/social contido no uso exagerado de determinada classe gramatical que aparece nos textos do periódico: o adjetivo ou palavras de outra classe gramatical que também cumprem a função de qualificar um substantivo.

Portanto, se não se trata mais de considerar o periódico do ponto de vista do sujeito que o escreve, mas de levar em conta sua enunciação como algo correspondente a uma certa posição social e histórica, em que seus enunciadores também se revelam (Maingueneau, 1989, p. 14), o léxico escolhido para fazer parte dos artigos da revista passa a ser entendido como um elemento definidor dos próprios comportamentos e idéias que a escola desejava inculcar em sua comunidade escolar; ou melhor, essa postura, ao partir do pressuposto que “não existe relação de exterioridade entre o funcionamento do grupo – [no caso, a escola] – e o seu discurso – [o periódico] –, sendo preciso pensar, desde o início,

em sua imbricação” (idem, p. 55), defende a idéia de que é necessário combinar as coerções que possibilitam a escolha de determinadas palavras com as que possibilitam a existência do grupo, já que tanto a formação discursiva quanto o grupo que a produz são regidos pela mesma lógica.

Enfim, para a análise do discurso, as palavras proferidas pelo grupo não lhe são exteriores, o que faz com que se conclua que a instituição discursiva possui duas faces: uma que se liga ao social e a outra à linguagem (idem, p. 55), que urge ser investigada.

De acordo com essa argumentação, ver-se-á como o uso exagerado de certos adjetivos define e explicita o próprio sentido do projeto pedagógico da Escola Argentina.

Em primeiro lugar, a maioria dos adjetivos encontrados nos textos da revista tem a função de qualificar o Brasil, a Argentina, seus heróis e sua gente, como se desejasse produzir em seus leitores apenas os sentimentos de amor, admiração, devoção e respeito para com esses mesmos países. Nesse caso, destacam-se: “*imenso* Brasil”; “*nobre* nação Argentina”; “*linda* bandeira brasileira”; “*pátria grandiosa*”; “*gloriosos* irmãos americanos”; “*grande* general”; “*audazes* descobridores”; “*grande* mártir Tiradentes”; “*destemido* povo platino”; “Guarani, essa *jóia* literária”; “*opulenta* natureza”; “*matas espessas*”; “*grande* rio”; “idioma pátrio tão *rico e belo*”; “terra do meu Brasil, *ardente e bela*”; “*bravos* heróis”; “*grande* maestro Villa Lobos”; “tudo aqui é *grandioso*”; *majestoso* Largo de São Francisco.

Em segundo lugar, destaca-se um outro grupo de adjetivos, que procura fazer brotar um certo sentimento de compaixão pelas pessoas pobres e sofridas. É como se desejasse não só estimular o assistencialismo, mas também, por meio de uma lição de moral, criar no leitor uma percepção de que deve estar agradecido pela vida que tem, precisando, em compensação, ser um bom filho e um bom aluno, enfim, um bom menino ou uma boa menina. Esses adjetivos são: “*pobre* camponês”; “*honesto* lavrador”; “crianças *desvalidas*”; “*meninas pobres*”; “homem *bondoso e honesto*”; “seu pai era *pobre*”; “*triste* infância”; “pranto *doloroso*”; “*nobre* ação”; “*boa* Eneida”; “*bom* servente”; “uma menina *bonita*, mas muito *mã*”, “*bom* coração”; “*pobre* artista”; “*velho* cabo-

clo”; “em *lúgubre, humilde e bafienta* caverna”; “a filha era *esforçada* nos estudos”.

Em terceiro lugar, há a referência sempre respeitosa e carinhosa feita aos dirigentes da escola e aos seus patronos argentinos, que sistematicamente fornecem vários presentes à escola. Entre eles destacam-se “estimado”, “digno”, “digníssimo”, “distintíssimo”, “querido”, “grande” e “ilustre”.

De outro lado, os alunos são descritos como sendo ou devendo ser “doces”, “pequenos”, “devotados”, “pequeninos”, “humildes” e “gentis”, o que faz com que tenham que entender que, diferentemente das autoridades, o lugar social que ocupam nas relações sociais é o de ter que respeitar e reverenciar esses mesmos grupos, uma vez que se encontram posicionados em um lugar hierarquicamente inferior. Entretanto, ainda são descritos como sendo “um bando *alegre*” que participa de *bonitas e alegres* festas com “*lindos* trabalhos”.

Através do uso exagerado do diminutivo ainda pode ser notado um certo estilo carinhoso e infantil que predomina nos textos. Talvez se trate de uma estratégia que queira reforçar a idéia de que o periódico, apesar de também ser produzido e direcionado para adultos, é fundamentalmente uma “obra infantil”, escrita e dirigida para os alunos. Entre eles destacam-se: “aos *coleguinhas*”, “meus *amiguinhos*”, “minha *mãezinha*”, “em *caderninhos*”, “os *brasileirinhos*”, “meu *livrinho*”, “*cartinha*”, três *palavrinhas*”, “querido *jornalzinho*”, “*rostinho* de criança”, “*mãozinhas* mimosas”.

Aí se encontram reveladas as condições de produção da revista – suas estratégias, intenções, significados e silêncios – que, sem sombra de dúvida, expressam com riqueza de detalhes o que se passava no interior da Escola Argentina no final dos anos de 1920 e primeira metade dos anos de 1930.

Algumas considerações finais

Esta análise, ao trazer à tona os efeitos de sentido da escrita da *Revista Escola Argentina*, possibilita três considerações.

A primeira delas sugere que esse tipo de imprensa durante as décadas de 1920 e 1930 tinha o objetivo explícito de ser mais do que um simples jornal escolar. Propunha-se, na verdade, a transformar-se em um instrumento poderoso das Administrações de Instrução Pública, que, desse modo, poderiam, com eficiência, difundir suas idéias, hábitos e comportamentos para todo seu alunado.

A segunda é a possibilidade que a leitura da revista nos oferece de poder visualizar o tipo de aluno que a escola desejava formar: um aluno “modelo” – participativo, mas responsável e que teria que acima de tudo amar e respeitar sua escola, sua família, sua pátria, assim como a Argentina e todo o continente americano – que correspondesse às novas exigências tanto pedagógicas quanto culturais e sociais de uma sociedade que procurava modernizar-se.

A terceira e última consideração, como uma conseqüência das duas anteriores, mostra que a revista constrói uma imagem bastante positiva da escola. Indica que sua ação pedagógica parecia ser suficientemente competente não apenas para que os seus alunos assimilassem os valores acima descritos, mas também para que ela própria fabricasse uma imagem pública de que suas propostas educacionais eram assimiladas “sem problemas” por toda a comunidade escolar; ou melhor, as estratégias de convencimento utilizadas pela revista nos fazem supor que as autoridades da escola obtinham sucesso em pelo menos dois de seus objetivos: conseguiam fixar uma imagem de que Escola Argentina era eficiente – seus alunos aprendiam as lições propostas – e de que se definia como tendo um projeto coletivo que era, inclusive, por ela própria elaborada e absorvida sem dificuldades e grandes resistências.

Enfim, tudo indica que a *Revista Escola Argentina* definitivamente cumpria com o seu papel: funcionava como um ótimo veículo de propaganda, tanto da Escola Argentina quanto das Administrações Públicas a que se vinculava; principalmente a de Anísio Teixeira, já que é durante a sua gestão que a revista ganha força e amadurece.

Fonte Primária

Revista Escola Argentina (1931-1932) – Arquivo da Escola Municipal Argentina/Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre (1996). *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo, EDUSP.

BOURNE, Randolph (1970). *The Gary schools*. Massachusetts, The Mit Press.

CARVALHO, Marta M. Chagas de (1995). “Estratégias textuais e editoriais de difusão do escolanovismo no Brasil: uma perspectiva”. In: GVIRTZ, Silvana (comp.). *Escuela Nueva en Argentina y Brasil*. Buenos Aires, Miño y Dávila Editores.

CHARTIER, Roger (1992). “Textos, impressão, leituras”. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo, Martins Fontes.

MAINGUENEAU, Dominique (1989). *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, Pontes.

MARIANI, Bethânia (1993). “Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói a memória)”. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *Discurso fundador. A formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas, Pontes.

NÓVOA, António (1995). “Por uma análise das instituições escolares”. In: NÓVOA, António (org.). *As organizações escolares em análise*. Lisboa, Publicação Dom Quixote.